

O DOMINGO

ilustrado

SEMANARIO
R. D. PEDRO V-18
TELF. 631-N. LISBOA

AGENTES EM
TODA A PROVINCIA
COLONIAS E BRAZIL

NOTICIAS & ACTUALIDADES GRAFICAS - TEATROS. SPORTS & AVENTURAS - CONSULTORIOS & UTILIDADES



As orações de Aljubarrota!!

Formosa dama aguarela de Lello de Barros, existente numa galeria particular, nas Ilhas.

A batalha de Aljubarrota comemora-se hoje. Que a graça divina e a religiosa canção que tocou os guerreiros de outrora na fundação

CRONICA DA SEMANA ECOS E COMENTARIOS CRONICA DA SEMANA

Por NORBERTO LOPES

SUA MAJESTADE O HIDROGENIO

DISSERAM-ME que um engenheiro português tinha descoberto o processo de aplicar o hidrogenio aos motores de explosão. Como se sabe, o hidrogenio é muito mais barato que a gazolina. E mais leve. Se este processo der resultados praticos, pensava eu, está resolvido o problema da Aviação. Qualquer aparelho poderá descolar com uma carga de hidrogenio sufficiente para fazer muito belamente os seus 32.000 quilometros sem parar.

Mas é uma descoberta maravilhosissima!—dirá o leitor incredulo. E? E como nisto de inventos eu sou um pouco como S. Thomé, tirei-me dos meus cuidados e fui ver.

Mostraram-me um gazogenio construido de modo a poder ser applicado a locomoveis, logo que o material de construção—que por enquanto é ferro fundido—seja substituido por outro mais leve e com a mesma resistencia.

Lança-se nesse aparelho, que nos automoveis pode substituir perfeitamente o deposito da gazolina, uma porção de sulfato de zinco ou de ferro. Da mistura destes produtos com a agua aciculada a uma percentagem minima nasce, como sabem,—se não sabiam ficam sabendo—o hidrogenio.

Aplicaram depois um tubo de borracha ao gazogenio e o gaz maravilhoso passou a um motor de motociclete, que entrou imediatamente a trabalhar.

Eram as experiencias officiaes. O engenheiro Ramos Ribeiro, que tinha colocado sobre o prato o ovo de Colombo, sorria. O sr. Clodoveu Mendes,—imaginam que é o nome do primeiro rei godo que governou a Peninsula!—o sr. Clodoveu Mendes, que tem sido a alma deste gazogenio, estava um pouco comovido. For detraz dos oculos com aros de tartaruga, que lhe emprestam um certo ar de «businessman» americano, os seus olhos tinham um brilho liquido.

—Veja! Veja como isto trabalha!

O motor pulsava com regularidade. O hidrogenio cumpria. Eu sempre tive uma grande fé neste gaz que Cavendish descobriu no fim do seculo XVIII e que, segundo me disseram no liceu, é catorze vezes mais leve que o ar atmosferico. Claro que a um gaz desta natureza devia estar reservado um futuro brilhante. Aí o têm agora armado em propulsor de automoveis e aviões—em rei da velocidade. Está tão mudado que já ninguém o conhece. Diante dele a gazolina descobre-se com respeito:

—V. Ex.^{cia} é que é o hidrogenio?

A gazolina lá sabe porque o trata assim...

NORBERTO LOPES

Este numero foi visado pela comissão de censura

«NA SOIRÉE»



—Enfião seu irmão não veio?
—Um de nós tinha de vir, por isso tiramos á sorte e... se perdi...

As festas da Curia da iniciativa de «O Seculo»

Realizaram-se as Festas de Verão da Curia, com um ex-to invulgar. Num país onde andam todos á espera uns dos outros, esta inovação marca nas tentativas modernas feitas para civilizar Portugal. O pior é que estas tentativas se fazem á custa de sacrificios enormes, de esforços sobrehumanos que ninguém premeia nem recompensa—a não ser numa critica mesquinha, trocista e impotente.

Sordido!

O serviço dos correios em Portugal, no que respeita ás relações com o publico, atingiu o maximo desleixo!

Na Estação do Rossio ha um barracão imundo, que mais parece uma latrina, onde ás tardes se reúne uma bicha de povo comprando selos. O espectáculo é repelente. O cheiro é nauseabundo, o aspecto é miseravel e sordido, note-se que é no coração de Lisboa!

Pergunta-se: o que faz a administração dos Correios? Nada. Trata-se duma estação frequentada por milhares de pessoas, na parte mais central da primeira capital—pois é pior do que a dum logarejo de provincia.

E fala-se de turismo!!! Mas em que pensa esta gente, abandonando, assim, ao maior desleixo, o que está a seu cargo?!

N.º ta. omica das festas da Curia

No meio do maior movimento, quando os organizadores das festas eram solicitados por centenas de pessoas, de todos os lados, assediados por mil instantes assuntos, alguém, com insistencia, procurou falar a um dos organizadores e, depois de mil dificuldades, conseguiu, finalmente avistá-lo:

- V. Ex.^a é o organisador das festas?
- Sou, sim, senhor; o que deseja?
- Queria uma informação, se fizesse favor...
- Sim senhor, mas depressa, que tenho mais que fazer...
- Eu sou de Ovar... V. Ex.^a não me podia dizer o programa da banda José Estevão...

«Os sinos do captivo»

O eminente poeta Antonio Correa de Oliveira acaba de lançar o volume «Os sinos do captivo». Anunciar uma obra nova do escritor da «Vida e Historia da Arvore» é uma noticia que se dá com alvoroço invulgar. E' que cada livro que sai da pena do grande emigrado de Espozende tem o valor duma jóia nova e inestimavel a juntar-se ao patrimonio Nacional.

E enriquece-lo é enriquecermo nos todos.

As Grandes Festas de Verão da Curia



Palmyra Bastos, no momento em que toma o seu lugar no sumptuoso coche do Conde de Farrobo para se incorporar no grande cortejo do seculo XVIII, levado a efeito na Curia.

Pelo HOMEM QUE PASSA

O GRANDE SILENCIO DO ALCAZAR

A trégua doirada da corôa de Espanha entristeceu muita gente. Não cabemos dos desmentidos que podem vir das chancelarias, ou do protocolo, que ha de envolver as verdades terriveis em razoes de decisões do Estado: olhemos a familia. Foi um minuto o lar desfeito, e o bando de ro das infantas doentes. Venha a benção do Papa, em nome do interesse do Povo e venha, solene, o perdão da Igreja e o apoio da Nobreza. O que não pode vir é a felicidade. Que vai fazer a linda Rainha de Espanha? Que vão fazer os doentes reais que, só agora, a terrível ce teza das juntas medicas, adquiriram a convicção dos seus males?

A doce Inglaterra de nobre olhar, que preside com o seu sorriso ás touradas de Sevilla—para um recolhimento como alguém que lhasse na vida? Sairá da nação onde viu nacer o seu rebanho de principes invalidos? Ocupará, como uma perigosa sujestão politica um castelo tranquilo na Suissa hospitaleira ou na meiga Italia das tardes de oiro?

Ha já mezes, num dia frio, cruzei o Alcazar silencioso de Sevilla. Dir-se-hia que no velho palacio mourisco ninguém habitava—apzar do pavilhão real acusar a presença da Rainha. Vi á tarde as infantas no Labirinto de bucho, diafnas, serenas, leves como virgens de Botticelli: Mas vinham silenciosas. No tanque a Rainha e perava-as. Houve o criminal da benção e todos nos descobrimos. Mas tudo tão silencioso, tão frio, tão triste, naquela Corte, em tão grande contraste com o se alacre palacio de moiramas e de ardores. Talvez por um momento nós não tenhamos visto a Corte e apenas surpreendesse a familia...

O HOMEM QUE PASSA

ENTRE BASTIDORES



—Como queres tu fazer o papel de Napoleão, se tu não chegas?
—Não faz mal. Ele tambem anda a páoava.

LUCIDEZ



—Teve algum momento lucido?
—Oh! Sim doutor—recusou-se a tomar a sua sopa.

HUMORISMO

Crónica
alegre.

DUAS HISTORIAS

Por XISTO JUNIOR

De regresso de Africa, esteve ha dias em Lisboa o eminente sábio sueco Laparaguata, que nos honrou com o convite para um almoço regional, que constou de desfeita de bacalhau seu compatriota, findo o qual se jogou uma animada partida de «sueca», que completou a côr local do delicioso repasto.

Entre duas garfadas de desfeita tivemos ensejo de entrevistar o illustre homem de sciencias ácerca dos seus ultimos trabalhos, que estão destinados a produzir grande surpresa no seio das academias e mesmo nas academias do seio, que são, como é sabido, aqueles institutos de beleza a que as senhoras recorrem para consolidarem o seu patriotismo.



—A minha viagem ao interior da Africa—disse-nos o dr. Laparaguata—teve por fim proceder a experiencias definitivas de applicação da quimica fotografica ao genero humano.

«Depois de aturados estudos eu tinha chegado á conclusão de que não ha razão nenhuma que justifique a existencia dos pretos.

«Com effeito, os pretos nascem quasi brancos e só depois de algum tempo de exposiçào á luz é que enegrecem, tal e qual como acontece com as chapas fotograficas. Isto levou-me á conclusão de que a pele dos pretos é abundante em sais de prata e que tudo se resumia em dar-lhe, á nascença, um banho fixativo.

«Assim fiz nas minhas experiencias e com os melhores resultados. Mais de duzentos moleques foram mergulhados, ao nascer, numa tina cheia duma soluçào de hiposulfito e ficaram mulatos.

—Maravilhosa invençào!—exclamamos nós, em sueco, lingua que nesse momento falavamos com toda a correcçào, por termos a boca cheia de bacalhau idem.

—Mas não me fique por aqui —prosseguiu o illustre sábio.—Ainda dentro do critério da applicação da quimica fotografica, fiz outra descoberta tremenda e que aproveita a todas as raças.

Esperámos, com o garfo e o espirito suspensos, a nova invençào annunciada.

—O meu amigo sabe que uma das grandes dificuldades da educaçào das crianças é o desconhecimento do seu carácter, que só na idade adulta se manifesta. Pois essa difficuldade está removida com a minha invençào.

«Basta mergulhar a criança num banho revelador, para quasi immediatamente o caracter se lhe revelar.

—E' genial!—dissemos.

—E simples!—confirmou o dr. Laparaguata, que ainda nos disse que este mesmo sistema se pode applicar á revelaçào de segredos, de crimes, de talentos, etc.

Despedimo-nos do illustre sábio, tendo perdido quinze tostões mas tendo ganho, em compensaçào, os importantes conhecimentos que aí ficam.

A encantadora filha do banqueiro Pinho—bem conhecido na Costa do Castelo por, durante trinta anos, ali ter tido uma officina de bancos de madeira do seu apelido, tão afreguezada que no sitio era frequente dizer-se que o Pinho se fazia em bancos—chamava-se Georgina, mas no seio da familia, por comodidade, chamavam-lhe Jorzina. Seu pai, tendo enriquecido a fabricar bancos de seu para os outros, depois da execuçào da encomenda dum novo banco da Terra Nova, que ele falsificou fabricando-o com terra usada, retirou-se da industria e comprou um piano á filha.

Jorzina desde logo se revelou na música um portento, uma virtuosa, como dizia a mãe de Pinho. Tendo tirado os dedos do nariz para os aplicar nas teclas, executou, em segunda audição, o Fado do 31 com uma expressào, um entrain que provocaram um abaixo assinado de todos os inquilinos do predio e ilhas adjacentes. Naquella passagem, tão sentida, do



ela de tal forma modelava a frase musical, dando-lhe uma interpretação de tão fino sentimento, que todos os ouvintes eram unanimes em declarar que ninguem dava aquele Pum! como Jorzina. «Nem o celebre Padreca, e mais tinha sido presidente da Punlonia» acrescentava Pinho, jubiloso.

De progresso em progresso, Jorzina chegou a executar o fado das Mãos Criminosas, que, segundo dizia a professora, era o que melhor convinha ás mãos da discipula. Tendo juntado ás suas habilidades a execuçào do Pirlau a quatro dedos, Jorzina pensou em dar um concerto. Que não queria concertos lá em casa, opôz o pai Pinho, que sempre na sua vida fizera obra nova e jámais consentia em pôr um pé a um banco de cozinha.

Precisamente o concerto era um pé para a Jorzina pôr pé em ramo verde e meter no seio da familia um mancebo isento definitivamente do serviço militar e seu admirador. Na noite do concerto, em que Pinho acabou por con-



sentir, por lhe terem dito que se tratava de música de câmara e ele andar com as suas ideias de ser vereador, Jorzina, embriagada com os aplausos da assistência que reclamava mais Pirlau, acabou por perder a noção das conveniências e tomando a mão do mancebo, que se introduzira na casa sob o pretexto caviloso de ser primo das



Fonsecas, levou-o ao Pinho, exclamando:

—Papá, amo este jovem e quero casar com elle!

—Isso tambem eu queria!—volveu Pinho, no meio da surpresa dos circunstantes, que o sabiam casado e marido fiel.—Não consinto! Antes vêr-te morta...

—Morta estou eu... por casar com ele!—declarou a impávida Jorzina.

Todos insistiram com Pinho para que consentisse, alegando que não ha Pinho sem nós e que portanto era forçoso que, mais tarde ou mais cedo, a pequena viesse a dar o nó matrimonial.

—Não consinto!—teimou, casmurro, o Pinho.—Eu sou um homem pacato, não gosto de questões.

—Mas onde vê o senhor as questões?—interrogavam.

—No seio da minha familia, com a entrada deste cavalheiro. Se ele é jovem é porque é sindicalista. Eu bem tenho visto nos jornais que eles andam sempre a armar questões sociais.

E nada o arrancou da convicçào de que a qualidade de jovem anda sempre ligada á de sindicalista, nem o desmaio simulado de Jorzina, nem as palavras do mancebo, que ao abandonar a casa, declarou tragicamente que ia suicidar-se, soltando alguns vivas á monarchia, á porta da Brasileira.

O SARAU ROMANTICO DO PALACE DA CURIA



Um dos momentos de mais elegancia das Festas da Curia—O sarau romantico do Palace, estando os pares dançando com lindissimos fatos de J. Valverde, Castelo Branco e guardaroupa Cruz

XISTO JUNIOR

H. DE VASCONCELOS—Se V. S. soubesse ler, haveria de ver que o pseudonimo E. Fiéce corresponde a uma forma fantasiosa de escrever por extenso as iniciais F. S., que lhe não seria difficil encontrar no nome dum dos mais assiduos colaboradores deste semanario. Com a esperteza que manifesta o sr. H. de Vasconcelos, arrisca-se, um dia, a descobrir a polvora, passando pela sensaboria de lhe demonstrarem, depois, que ella já estava descoberta. — X. J.

O PROGRESSO



— Sobes o que é uma aurora boreal? — Sei, é a electricidade atmosférica... — No meu tempo não se dizia assim. — E' que no teu tempo só se usava o g22...

Curiosidades

O USO DOS
GELADOS

O uso dos gelados e bebidas geladas remonta a alta antiguidade. Em França, porém, só entrou pelos fins do século XVI e Francisco I ficou admiradíssimo quando, ao encontrar-se, em Nice, com o papa Paulo III e com Carlos V, viu os italianos e espanhóis da comitiva irem buscar neve ás montanhas, para refrescar as suas bebidas. No tempo de Henrique III, já na corte de França se usavam gelados, e sem eles não havia um banquete completo. Fundou-se uma companhia com o monopólio da venda de gelo, mas o preço era tão elevado que se voltou ao comércio livre. Os gelados sólidos só foram usados, a partir do século XVIII.

UMA MULHER
DE CIÊNCIA

Uma jovem romena, Mlle. Stephanie Maracineau, doutorada em Ciências pela Universidade de Paris, que durante cinco anos trabalhou com Mme. Curie, está actualmente fazendo, no Observatorio de Meudon, curiosas e valiosíssimas experiências sobre a radio-actividade, experiências que talvez possam revelar-nos, um dia, quais as poderosas e misteriosas influências que o sol exerce sobre o nosso planeta. A sábia romena já assombrou os membros do Instituto com os resultados de alguns trabalhos seus sobre a radio-actividade. Até agora julgava-se que os corpos radio-activos, isto é, emitindo raios susceptíveis de impressionar a placa fotográfica, descarregando os corpos electrizados ou tornando fosforescentes outros corpos, não podiam sofrer influências, não sendo modificável a sua radio-actividade. Mlle. Maracineau descobriu que a influência dos raios de sol é muito poderosa sobre os corpos radio-activos e mesmo pode dar essa propriedade a certos corpos que dela estão desprovidos.

A ORIGEM DA
CÂNFORA

A maior parte da cânfora consumida no mundo inteiro provém da Ilha Formosa, situada entre o Oceano Pacifico, o Mar da China e o Mar da Coréa, e que pertence ao Japão desde 1895. O canforeiro é uma árvore gigantesca, que atinge perto de 4 metros de circunferência, na base. O suco é extraído do tronco da árvore e trabalhado em destilarias especiais, onde se cristaliza para revestir o aspecto e o aroma conhecidos.

Para se ter uma idéa da importância e da riqueza que representa a indústria da cânfora, basta dizer que as florestas de canforeiros estão espalhadas por toda a ilha e cada árvore fornece até 1.000 libras esterlinas de cânfora. Oitocentas destilarias estão espalhadas pelo território da ilha, e há milhares de trabalhadores que vivem unicamente da colheita e do trabalho da cânfora.

O exemplo de uma
vida

A fortuna de John Rockefeller, o rei do petroleo, deve ser hoje a segunda do mundo. Acima de Rockefeller, só Henri Ford, o rei dos automoveis. Abaixo, vem o duque de Westminster, Sir Basil Zaharoff—grande magnate inglês, cuja riqueza tem origens pouco alvas—Vincent Astor, Pierpont Morgan, Georges Baker e mais alguns, espalhados por esse mundo, principalmente por todo esse mundo novo.

Mas, entre os multimilionários mundiais, nenhum há que tão generosa e inteligentemente tenha feito beneficios da sua fortuna, como John Rockefeller, Junior, o filho do rei do petroleo, a quem ainda recentemente foi concedido o título de «cidadão de Versailles, por ter doado á França, para a restauração de monumentos, a quantia de 58 milhões de francos (qualquer cousa como 46 mil e 400 contos de reis portugueses...), quantia que foi empregada na reconstrução dos palácios de Versailles e de Fontainebleau.

Na vida de John Rockefeller, pai, que tem, hoje, a bonita idade de 88 anos, há mais maravilhoso do que um conto de fadas. Basta dizer-se que o rei do petroleo debutou na vida como guardador de perús!

Os Rockefeller são de origem francesa.

Quando Luís XIV no século XVII, revogou o edito de Nantes, promulgado por seu avô, Henrique IV, nunca pensou que a histórica penada com que tirava a liberdade de crenças aos protestantes, ia dar origem a uma das maiores fortunas do mundo, fortuna já em plena florescência no primeiro quartel do século XX. Foi a revogação do edito de Nantes que fez sair de França, juntamente com muitos outros huguenotes, a familia «Rochefeuille», que foi habitar em Coblenz, na Alemanha. Em 1720, essa familia, de condição e recursos muito modestos, resolveu emigrar para a América do Norte, tendo-se já então o nome de Rochefeuille germanizado em Rockefeller.

Os emigrados do século XVIII estabeleceram-se em New-Jersey e ai foram vivendo e extinguindo-se três gerações de Rockfellers, até que, em 1839, vem nascer, em Cleveland (Ohio) o bisneto do chefe de familia emigrada, o Rockefeller que viria a ser o rei do petróleo e um dos maiores magnates financeiros.

Muito novinho, John Rockefeller foi guardador de perus; depois, passou a criado numa herdade, onde cavava batatas, com a soldada de trinta e cinco centimos por dia; passou, em seguida, a fazer um pequeno comércio no distrito de Cleveland, até que aos vinte anos, foi até ás colonias da Pensilvânia. Acontecia isto pelo ano de 1859, já muito depois de Georges Washington ter constatado que essa região era rica em jazigos de petróleo, mas antes que alguém resolvesse explorar metodicamente essa enorme fonte de riqueza. Ligando-se com um tal Edwim Drake, Rockefeller mandou abrir um poço de 20 metros de profundidade, e logo o petroleo começou a sair das entranhas da terra. Dezenas de aventureiros, famintos de ouro, quiseram explorar os jazigos, abrindo poços ao acaso, poços que tanto podiam ser pródigos como escassos. Edificaram-se cidades, para a exploração industrial do petróleo, mas faltava quem coordenasse os esforços dessas centenas de homens que jogavam com a sorte. Rockefeller estabelece-se como destilador de petróleo e, em 1865, pode já comprar, por 14.500 libras inglesas, a firma de que era sócio. Em 1870, fundava, sob a presidência do general Grant, a Companhia Petrolífera de Ohio, com o capital de 1 milhão de dólares.

Em 1874, a 29 de Janeiro, nasce, já filho do milionário, John D. Rockefeller, Senior, a quem seu pai educou em estritos preceitos de ordem, de economia e de trabalho, preceitos que é proprio, ainda hoje, ao findar duma vida tão agitada, segue rigorosamente. Como prémio duma boa lição, o pequeno Rockefeller recebia um «sou»; como empregado de seu pai, recebeu, durante algum tempo, 1 dolar e meio por dia, o mesmo que os outros empregados.

Depois de fundar a Standard Oil Co., Rockefeller pai ficou multimilionário, chegando a dirigir trinta e seis empresas industriais que proviam á produção de quatro quintos do petróleo gasto nos Estados Unidos. A sua organização industrial foi a mais perfeita que um cérebro humano jamais dirigiu.

John Rockefeller, filho, sem ser um estudante distinto, fez o seu curso, que terminou na Universidade de Brown. Em 1899, seu pai retira-se dos negocios, deixando-lhe a direcção da formidável engrenagem que pusera em movimento. Nessa época, a indústria automobilística nasce, sob a influência de Ford. O petróleo alcança a sua realza, como combustível. Rockefeller mostra-se digno do seu nome. Apesar de não ser o proprietário, mas apenas um dos principais accionistas da Standard Oil Co. e de só ter 25% dos lucros, a sua fortuna é avaliada em 2 biliões de dólares. Tem feito importantíssimos legados a obras de beneficência e de instrução; tem dado 490 milhões de dólares. Educa os seus filhos como seu pai o educou. Recentemente, como o fotografo dum magazine lhe pedisse para os deixar retratar, respondeu-lhe que não fizesse semelhante cousa, para que os pequenos não se julgassem umas criaturas muito importantes. E acrescentou: «Terão sempre demasiado cêdo uma boa opinião acêrca de si próprios».

Esta frase revela a boa estirpe moral d'este filho de rei, que não tem sangue real.

UMA «SIMPLES» MULTA

O director duma firma cinematografica americana acaba de intentar um processo á conhecida vedeta Lillian Gish, por esta não ter cumprido certas clausulas dum contrato. O director exige a multa de cinco milhões de dólares, qualquer cousa como cem mil contos portugueses. Pela multa exigida pode fazer-se uma idéa do que ganha uma estrela de cinema, na America.

A VENUS DE MILO

Varios arqueólogos e artistas tem emitido hipóteses sobre a atitude em que devia estar a Venus de Milo, antes de ficar com os braços mutilados. Quatramero de Quincy pensa que ela fazia parte dum grupo, em que figurava com o braço esquerdo sobre o ombro de Marte, como que a encorajá lo. Bell calcula que ela seguraria uma coroa de louro, em cada mão. Stilman imagina que ela estava escrevendo numa tabuinha. Furtwaengler diz que se apoiava a uma columna, com o antebraço esquerdo. Solaman entende que segurava, com a mão esquerda uma maçã, que apresenta a uma pomba pousada sobre o seu punho esquerdo. Mas a hipótese mais verosimil é a de Dumont d'Urville e Trogoff que calculam o seguinte: Venus segurava, na mão esquerda, erguida á altura da cabeça, a maçã que acaba de lhe entregar Paris; com a mão direita, ergue um pouco o fato, que forma pregas sobre a perna esquerda.

A ORIGEM DO SABÃO

A palavra sabão (*sapo*) encontra-se nas obras de Plinio, o Velho, e de Galleno. O primeiro attribuia a sua descoberta aos gaulêses, que o preparavam com cinzas e sebo. Os romanos, no tempo de Plinio, conheciam o sabão e a maneira de o fabricar, e, nas ruínas de Pompeia, descobriu-se uma sabonaria completa, com os seus diferentes utensílios e baldes cheios de sabão.

Os elegantes de Roma serviam-se de sabão fabricado na Germania, por ser o melhor; este sabão tambem servia para tingir os cabelos de louro.

Ateneu (193 a. C.) é o primeiro autor grêgo que se refere ao sabão. O médico Aetius, célebre nos fins do século IV, fala dum sabão negro. As primeiras fábricas de sabões duros, com base de soda, parece terem sido estabelecidas em Savona, em território genovês, e no século XV era esta pequena cidade que usufruia a reputação de melhor fabricante desse produto, reputação de que depois gozaram Genova, Marselha e a Espanha.

TRABALHOS
TIPOGRAFICOS

EXECUTAM-SE NAS OFICINAS

De O DOMINGO ILUSTRADO

LIBRA • BRISTOL CLUB • DANCING

O DOMINGO
ilustrado

TEATROS

AS VERDADES DE JUSTO CARTILHA

A «PRIMIÈRE» DA SEMANA

«A ALDEIA DOS MACACOS»

NO POLITEAMA

UMA ENTREVISTA A DOIS

OS «TRUCS» DOS EMPRESARIOS

A «tournée» ao Brasil da Companhia X

CONCLUSÃO

10 de Dezembro

A companhia funcionava com casas á cunha. Mas não é razão para que o empresarioamente os ordenados aos artistas, ou an es, reponha os 60% subtraídos ardilosamente a um e um, da primeira á ultima figura. Nesta altura a estrela e os galãs já não sabem que mais empenhar para saldar as contas da modista e do alfaiate.

10 de Janeiro

parece uma tabela. Reza o seguinte: «A Empresa cumpre o doloroso dever de participar aos srs. artistas que em vista das desproporcionadas exigencias de determinados elementos da companhia, não poderá efectuar-se a anunciada «tournée» ao Brasil.

Lavra grande indignação. A «familia» divide-se, formando grupinhos. Desconfiam uns dos outros. O empresario passeia impavido, contemplando a sua obra.

10 de Fevereiro

Conferencia a portas fechadas no escritório, entre os empresarios e os dois primeiros artistas. Estes, mediante certas regalias, gratificações chorudas, etc., etc, tomam o compromisso de exportar «terrivel situação» aos colegas.

Os artistas se sacrificam um pouco pelos seus queridos empresarios ou se dissolve a companhia.

A «estrela»—Que tenham paciencia! Também eles não trazem ninguem ao teatro. E não tem as «toilettes» que eu tenho. Que se sacrificuem!

«galã»—Estou d'accordo. Para ganhar dinheiro já somos dois. E é bastante. O dilema é este. Ou vão ao Brasil com o suficiente para as suas despesas, ou estoiram com a companhia e rebentam de fome. Vou convocar uma reunião e hei-de convencê-los.

«Os empresarios»—Abraçam-se, apertam comovidamente as mãos.

10 de Março

—A companhia embarca para o Brasil, tal como os empresarios imaginaram, em 10 de Setembro. Vão todos. Não fica um só em Lisboa. Apertaram os estomagos. Empenharam. Pediram. Vão sem vintem mas com uma grande esperanza nos «benefícios».

Não há um só que se não aperceba do «trucs» dos empresarios. Nas nem por isso a despedida deixa de ser comovente.

A volta é que se cortam as relações, para serem logo reatadas na abertura da nova epoca. E a scena repete-se todos os anos...

Pela cópia

LUCIFER XXI

Olympia

Direcção de Leopoldo O'Donnell, um dos mestres da cinematografia portuguesa e um dos industriais mais categorizados. Filmes de primeira escolha. As grandes produções europeias e americanas. Ultimamente grandes transformações na sala e dependencias de forma a tornala a preferida do publico.

Chiado Terrace

O cinema da parte alta da cidade. O velho «Terrace» agora arranjado de novo. O pai dos cinemas liberais. Óptimos films, sempre variados e para todos os palcares do publico. As grandes produções de aventuras. Peças em concorrência. Ampíssima e elegante sala.

S. Luiz Politeama Trindade Avenida Apolo Eden Variedade- Pathé

A Companhia Nascimento Fernandes rep esinta brevemente a revista «Aldeia dos Macacos».

Encerrado temporariamente.

Fechado

Companhia Setacela-Amarante. A companhia mais simpatica ao publico. Além de Amarante — o maior creador actual de tipos populares, este conjunto conta elementos como Luiza Satanela, uma notavel actriz que reune o encanto duma mocidade fresca ao «tic» parisiense de seu estilo. Hoje e por enquanto todas as noites: «Agua-pé».

Fechado temporariamente

Em pleno exito a companhia Almeida Cruz com a revista «Cosido á portuguesa» grande espectáculo de fantasia.

Fechado

Espectaculos modernistas com grandes atractivos. O mais fresco cinema de Lisboa. Alegria e arte.

João Bastos não está nos seus dias de bom humor. Lino Ferreira procura vencer o cansaço fazendo espessar de quando em quando uma boa piada. E' que os ensaios tem sido aturados.

O jornalista está entre os dois, a uma meza larga de «restaurant». Fim de almoco que en-

a uns minutos de cavaco sobre a «Aldeia dos Macacos».

Ouvimos primeiramente João Bastos: —Fazer uma revista é muito facil e é muito difficil ao mesmo tempo. Fazer a revista ao gos-



Auzenda de Oliveira



Adelina Fernandes

trou pela tarde a dentro. Atmosféra pesada. Irrompe, entretanto, uma revoada alegre. São as «girls» no palco do Politeama, a afinar um dos coros da revista. Aquele cantinho do Olim-

to do publico sem condescender com o espirito grosseiro de determinados espectadores, condimenta-la, de molde a agradar a gregos e troianos (sem alusão á parceria) é algo de muito arduo. Tornar a peça popular sem sal grosso, torna-la fina sem arrebiques—eis o grande exito.

Lino Ferreira prossegue: —«A Aldeia dos Macacos» é revista á antiga portuguesa e á moderna portuguesa... Tem de tudo. Não dispensamos o bom quadro de comédia. Temos com Adelina Fernandes os numeros para o grande publico. Como encontramos em Tereza Gomes—que extraordinaria creadora de tipos!—a caricaturista ideal para as nossas «charges».

Tem «charges» a revista? —«A Aldeia dos Macacos» é toda ela uma grande «charge». Mas filosofia baratinha de trazer por casa, ao alcance de todas as bolsas... Passamos a atender João Bastos. —Inspirámo-nos no retiro do Jardim Zoológico, architectado pelo sr. Kaul Lino. Mas o nosso hotel da «barafunda», por exemplo, é muito mais amplo e muito mais barulhento. O «casal do Mono» tem habitantes mais condignos. Há, porém uma diferença. E' que o poço da nossa aldeia nunca tem agua... Pintámos a macacaria em que vivemos. E puzemos na «Aldeia dos Homens» com que remata a revista um naco de bom coração português. —Novidades?...

pia parece agora encher-se de risos, afastando para longe o cansaço, a atmosfera pesada. Sem querer estamos todos alegres, dispostos

cá por dentro

Mais uma vez vai ao Brasil Henrique Alves. Dizem que muito contribuiu para isso a boa vontade do actor Joaquim Pacheco.

—Houve um actor que por motivo de falta de pagamento se recusou a trabalhar. Outro, que pelas mesmas sacratissimas razões se desligara dessa companhia, prontificou-se imediatamente a substituir o colega. Gestos como este honram muito a classe.

—O actor Holbeche Bastos desenvolve grande actividade na organização de uma companhia para o Foz.

—A estreia da «Aldeia dos Macacos» não se efectuará antes de quarta-feira.

—Distribuíram á galante Maria Cristina, na revista «Olé!», uma sala com um certo caracter e um papelito forte demais para a sua personalidade delicada. Não é assim que se lançam as «estrelas».

—Escreve nos o espectador da «filha 4» a perguntar porque será que Alves da Cunha faz tantas vezes «reprise» do «Maluco das Avenidas Novas». Porque é o drama mais engraçado que tem ido no Nacional.

—José Moreira faz a sua festa artistica a 22 do corrente, no Joaquim d'Almeida. Haverá um grande certame da Canção Nacional.

—Consta que o actor empresario Gil Ferreira está tomando lições de canto com um dos nossos professores mais eminentes, a fim de se dedicar ao teatro musicado.

—Sei lá!, diz-nos confuso João Bastos, numa deliciosa confissão de filosofo amavel—Não copiámos, antes vergastámos a mania da imitação. Mas será novo o que fizemos?

E poderá uma revista (exame de coisas passadas) ter originalidade?... Lino Ferreira toma o fio á meada.

—Elementos para uma boa successão... —A graciosidade de Auzenda d'Oliveira, a veia inexgotavel de Nascimento Fernandes que faz o «compère», Castelo Branco veste a peça sózinho.

Em todos os artistas encontramos a maior a mais genuína boa vontade. Desejavamos que o publico festejasse a nossa quinquagesima revista.

—A quinquagesima? —Sim, porque cada um de nós tem feito muitas revistas. A soma de todas elas dá 50. Em dezoito anos de teatro...

...Breve se festejará o meio centenário da quinquagesima revista de João Bastos, Felix Bermudes e Lino Ferreira, rematámos, ouvindo os ultimos compassos do côro alacre das «girls» que vão pôr uma nota de beleza na «Aldeia dos Macacos».

Leia
esta
pagina
cheia
de
inte-
resse
palpi-
tante !

O sequestro da Rua Ferreira Borges

Extraordinaria pagina anónima trazida até nós.

Fantasia jornalística de verão! — dirás tu leitor, ao encarar o ar rocambolesco deste titulo de literatura barata. Antes fosse!

As linhas que se seguem, na simplicidade da sua tragedia sem «jicelles», vieram, tremulas e sinceras, até nós, por mero acaso. Quiz no entanto o destino que elas chegassem aos vossos olhos para que um momento, nesta morra tranquillidade dos domingos portugueses, vós considereis que entre essa multidão que se agita em torno da gente, nessa multidão triste e desinteressada, existem ainda largas tragedias cristãs, que lembram paginas antigas. Que vós considereis um momento — um momento apenas...

EXCEPTO duma carta encontrada no espolio dum preso falecido na cadeia de Monsanto:

«Tem paciência, João. Que has-de tu fazer agora senão sofrer, como eu, como nós todos! Bem sabes que nunca te mandei recriminações. Cada um de nós é como Deus o fez, com seus defeitos e suas virtudes, e tudo está num pouco de sorte. Quantos patifes, bem piores do que tu, que afinal és bom, não nascem, vivem e morrem no meio da consideração de todos. E tu caíste. E a ti todos te bateram. Tem paciência. Eu bem sei que essas quatro paredes, e essas tristes grades, matam pouco a pouco. E matam mais depressa as pessoas como tu, feitas para respirar a liberdade daqueles grandes passeios que davamos nos Olivais e na Charneca. Tem paciência! E se alguma coisa nos serve o vermos que os outros sofrem os nossos sofrimentos, vou-te contar, João, o que se passa aqui ao pé de nós com aquela gente do tenente O... Pode ser que te não interesse — mas, nessas

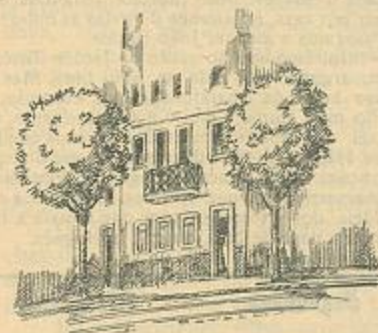
noites horríveis de que te queixavas na ultima carta, tudo te deve servir para ler.

Ora escuta. Tu lembras-te ainda do tenente O... Era aquele rapaz alto, que quando nós eramos petizes, no Jardim, queria sempre que tu, no banco, fizesses o teu pino. Ele estava no quartel e parece-me que o estou ainda a ver sair á tarde e vir até junto de nós e da petizada que, entre as amas e as creadas, corria por aquelas ruas do jardim de Campo de Ourique.

Lembras-te ainda da casa onde foi morar e do casamento de espanto, com passadeira rica, em Santa Isabel, e que teve no dia do casamento as colegas na igreja, a enherem-na de flores.

A rapariga era aquela pequena franzina que foi costureira do Ramiro Leão e que teve no dia do casamento as colegas na igreja, a enherem-na de flores.

Estavas tu na Casa Pia quando foi da morte do tenente, mas julgo que soubeste do caso. Foi um dos primei-



Era aquele predio côr de rosa...

ros — ou talvez o primeiro aviador dos nossos que morreu na guerra. Os jornais falaram muito e veio o retrato. Depois os jornais calaram-se e nunca mais se falou no assunto.

Pois bem! Tu sabes o que foi feito da mãe e da mulher do tenente O... que moravam no predio côr de rosa, o N.º... da Rua Ferreira Borges?

Escuta ainda. Logo depois que a morte veio nos jornais, as janelas cer-

raram-se. As cortininhas de bordados que eu tantas vezes invejara para a nossa salinha, desapareceram e, assim completamente fechadas as portas de dentro, nós tínhamos a impressão de que no predio côr de rosa não habitava ninguém.

Não se estranhou no primeiro mêz.



O grande cartaz do Cine-Paris...

Mas os dias, os mezes, e os anos foram passando e nunca mais, nem de noite nem de dia, se abriram as três janelas da Rua Ferreira Borges. Ao principio a visinhança comentou. Falou-se muito em que as duas mulheres estavam doentes. Houve quem se interessasse pelo misterio, e chegou a falar-se em dizer á policia. Mas os dias foram passando. Veio depois uma revolução que distraiu as pessoas e a visinhança habituou-se áquella ideia. Nunca mais se abriram as janelas.

Mas como viviam, de que viviam as duas mulheres? Só os fornecedores as viam, e, mesmo assim, por detraz do postigo da porta. Tinham ordem de levar tudo de manhã cedo. Pagavam pontualmente. Nos ultimos dias do mês, uma ordenança trazia e traz ainda agora um envelope fechado. E' a pensão de sangue. E, todos os dias, a toda a hora, as janelas continuavam fechadas — João!

E aqui acaba esta carta de compaixão.

Faz agora em Agosto 10 anos. Foi em 2, deste mês, no ano de 17, durante a Guerra.

Ela era uma doce morena, fina, de largos bandós lustrosos sobre a testa de «madona». A's tardinhas, quando a brisa do rio vinha agitar as arvores da rua Ferreira Borges, ela punha-se dentro das vidraças, a considerar com ternura o movimento da rua. A mãe dele era uma velhinha sossegada e triste, de ondulações brilhantes como prata, no cabelo apartado á antiga maneira da provincia. Ele — estava na guerra.

As noticias chegavam ali escassas, e os largos brancos da censura faziam tremer lagrimas suspensas nesses pobres olhos de mulher. Havia, na meia luz discreta daqueles aposentos, sempre, o ar duma ante-camara funebre.

Dir-se-ia que minuto a minuto se esperava a chegada dum luto inevitavel. E a noticia, confrangedora, sêca, brutal, terrivel como uma sentença inexoravel do destino, chegou. Era uma manhã clara de Abril, com as arvores muito frescas e muito verdes, e tudo muito espelhado da chuva da noite. As duas mulheres cerraram as janelas — como quem deixa cair a tampa dum caixão. Recolheram-se a um pequeno oratorio, onde havia, entre imagens doiradas de santos anodinos, uma larga fotografia enviada de França. Era o tenente O..., um sorriso iluminado sob o enorme capacete de ferro...

A tragedia é simples, cruelmente exacta e perdura ainda hoje, nesse tranquillo rés-do-chão do predio côr de rosa da rua Ferreira Borges N.º...

Colocadas sós no mundo, uma em frente da outra, as duas mulheres começaram criando a sua dôr conjunta-mente.

Nasceu como que o ciume dessa mesma dôr. Uma especie do orgulho do sofrimento ou de capricho do sacrificio, as foi dominando. Mediam a sua dôr em cada dia que passava e, tragicamente, inflexivelmente, se espionavam uma á outra — a Mulher e a Mãe.

Tudo lhes parecia um sacrilegio ao morto querido que, sob o largo capacete, sorria no pequenino oratorio...

E decidiram encarcerar-se mutuamente, no tragico cilicio de quatro salinhas negras, mortas ao ar e á luz.

Doenças varias cortaram aquele vegetal de morcegos. As suas faces, maceradas e palidas, adquiriram a finura esverdeada das begonias de estufa — mas sofriam em silencio os seus males físicos, sem o auxilio do medico ou da botica.

Uma noite, a Mulher, exausta e exangue, teve uma sincope.

Logo a outra, a Mãe, hirta e inflexivel, lhe trouxe a effigie do morto — como aos moribundos se dá a beijar, em refugio das dôres, um Cristo de madeira...

Testemunhas e juizes mutuos, não se perdoando nada, exigindo-se uma outra o silencio dessa penitencia absoluta, as duas mulheres começaram por se odiar vagamente. Nenhuma queria quebrar a brutal violencia desse viver de fantasmas. Uma noite, porém, os rapazes que se refugiavam da chuva numa das lojas da rua — a «Tentadora» — com o seu tipo bairrista e os jorros de luz a penetrarem o escuro agreste e desabrido da rua — viram uma estranha figura de mulher. Trazia um vestido antigo, negro, e um mantelete caia lhe dos ombros magros. A expressão era alvar, um sorriso de meia idiotia.

la tremula, sob a chuva, pela rua fora. Ao longe, as campainhas fremettes do «Cine Paris» chamavam o rapazio dos Terramotos, que esperava, encharcado, a abertura da gerál.

A mulher estacara. Parecia que o seu olhar estranho á luz encarava com o brilho duro das lampadas electricas. Os grandes cartazes de côres anunciavam os «films» de aventuras.

Era um enorme avião, sob um céu de tempestade, cortando o ar. Da car-

O DOMINGO
ilustrado

UMA NOVELA HUMORISTICA
COMPLETA

Inocencio, antes de entrar em férias e grato por lhe ter proporcionado a assistência ás festas da Curia, acedeu em comunicar-me as suas impressões, por especial deferencia para com o Domingo Ilustrado e para comigo.

—Não imagina, disse-me logo no início da entrevista, como venho bem impressionado. Não apenas com as festas a que, de resto, como viu, não me foi possível assistir inteiramente. Vi-as quasi todas por um oculo. Mas principalmente com o sítio, com as termas, com as aguas que me caíram lindamente no estomago e anexos e tambem com os hotéis onde me instalou e que me deixaram encantado. Então no do Buçaco, como sabe, o meu agrado não teve limites e como vinha ainda da Curia com a impressão do seculo XVIII, senti uma grande tristeza por não ter vivido no tempo daqueles carmelitas descalços que ali gozavam todas aquelas comodidades.

—Mas olhe que esses pobres frades, coitados, andavam a pedir esmola, flagelavam-se, dormiam sobre pedaços de cortiça e, a respeito de conforto, nem sequer umas sandalias para se protegerem das pedrinhas da calçada. Como disse, andavam até descalços.

—Pois sim, mas se eu lá estivesse nesse tempo, cá me havia de arranjar um pouco melhor e não me apanhavam descalço. De resto, quasi a pedir esmola andamos nós tambem agora, com a carestia da vida, e não deve esquecer que somos bem flagelados com muitas outras coisas. E deve concordar que é preferível flagelar-se a gente a si proprio—porque sempre faz isso com mais geitinho—do que ser constantemente flagelado pelos outros.

Devo esclarecer que este entusiasmo do Inocencio pelo Buçaco provém do facto de me ter visto obrigado a instalar este meu amigo no Palace do Buçaco, por falta de alojamento no Palace da Curia, repleto até ás trapeiras durante as festas.

Arrependi-me depois, porque o meu amigo, banhado nos maiores requintes do conforto, sentiu-se *lord* e foi quasi preciso uma junta de bois para o arrancar de lá.

Recordo-me ainda de certa manhã em que entrei no seu esplendido «apartment» ricamente mobilado, com optimas carpettes, chauffage, telefone e tudo o que o mais exigente pode precisar, supondo que o iria encontrar

linga, um rapaz, em traje de aviador militar, precipitava-se no espaço...

A mulher deu um grito... Juntou-se o rapazio. Ia a desfalecer nos braços da mulhidão... Mas depois, louca, desgrenhada, uma pasta de lama nos cabelos encharcados, correu, correu sempre, até ao predio côr de rosa...

E nunca mais se abriu, ou se abrirá a porta do pequeno rés-do-chão, cujas janelas fechadas, mudas, inexpressivas como orbitas de cegos, jamais se abrirão para a vida...

Pela reconstituição.

O REPORTER MISTERIO

ainda entre os lençóis e descobrindo-o, afinal, aflito, na casa de banho, dentro da tina cheia d'agua e de chapéu de chuva aberto, para se proteger do chuveiro que por engano tinha tambem aberto.

Interpelado, respondeu-me que acham



... dentro da tina cheia d'agua e de chapéu de chuva aberto...

va delicioso o banho naquela esplendida tina, desagradando-lhe apenas aquela chuva miudinha que não havia maneira de abrandar.

Dei volta ao respectivo manipulo, obriguei o a fechar a malva e então declarou-se completamente feliz e disposto a passar ali o dia.

—De mólho?—fiz eu admirado e receando já que as comodidades e o banho de chuva lhe tivessem desarranjado a mioleira.

Disse-me então que estava apreensivo porque desde que entrara no banho e pusera as torneiras a correr, o termometro, que fazia parte integrante do jogo dos manipululos da agua quente e da agua fria, marcava 39.º

—Devo estar bastante mal, dizia-me ele; nunca tive uma febre tão elevada. E talvez estando assim de mólho abrande um pouco.

Só depois de muitas dificuldades consegui trazê-lo novamente para a Curia, a vêr as festas de segunda feira: o sarau, a ceia e o baile com desfile de modelos no Palace.

E foi sobre esta parte do programa que eu quis agora entrevistá-lo.

Instado sobre este ponto declarou:

—Para lhe falar francamente, devo dizer-lhe que me agradou a beleza do palco e dos salões enormes—o de baile e o de jantar comunicando entre si pelas escadarias laterais—com belos efeitos de luz; a riqueza das toilettes; e na ceia, aquela bicha interminável de mezas nos dois salões. Agora não gostei de estar quasi um século á espera do sarau do século XVIII. Começou quasi á meia noite. Depois, tambem aquela recitação do Noivado do Sepulcro não me caiu bem em cima do jantar. Compreende, depois do sorvete da sobremesa, aquela frialdade da sepultura não está bem. São gelados demais. O mesmo que termos um jantar de festa, com pingos de tocha á sobremesa, e convidarem nos para assistir depois a um enterro de 1.ª classe com meia dúzia sortida de «gatos pingados» ao natural.

Uma passagem pelo passado

Ainda as festas da Curia, vistas pelo prisma do bom humor. Uma entrevista com o Inocencio.

—Mas o programa era mais vasto.

—Sim; gostei de ouvir a D. Palmira Bastos. Trazia um lindo vestido como sempre e provou a todos que se podem dizer versos do século XVIII sem provocar o sono. Tambem teve uma ovação que todos os que tinham ficado a dormir no sepulcro dos noivos e não tinham dado pela sua entrada acordaram sobressaltados. Foi o que valeu, porque o sono era tão profundo nalgumas filas das cadeiras, que ameaçava tornar-se o sono eterno. Se não se dá a sua benéfica intervenção, uns



Dois jovens da ultima edição. Ele alto; dama altura fóra do vulgar; ela muito baixa...

noivos que tinham adormecido á minha frente teriam ido acabar tambem nessa noite o seu noivado no sepulcro.

—E da comédia gostou?

—Era engraçada, sim. Muito simples, muito ingenua, excelente para rapazes solteiros, para aqueles jovens dançantes que ornamentavam a sala. Para meninas, não; era simples de mais. A D. Lucinda dizendo, é claro, como sempre, muito bem e o Sr. Erico Braga com um papel quasi todo fabricado por si e com uma sobrecasaca do século XVIII, muito parecida.

—E do baile gostou?

—Sim, animado; um belo efeito as

duas salas repletas de pares dançantes; mas o que me feriu mais a atenção foi um par estranho que me ficou gravado na retina. Dois jovens da ultima edição. Ele alto; dama altura fóra do vulgar; ela muito mais baixa do que o permite a constituição; de tal maneira que a cabeça dela ficava pelas alturas das algibeiras do colete dele. Mas o pior é que durante o fox-trot que dançaram foram sempre a falar um com o outro. De forma que tinha de ir ele de cabeça pendida e ela de cabeça levantada, precisamente como num namoro da rua para um terceiro andar em que os papéis se tivessem invertido. E dava assim aquele par, ele respondendo lá do alto, ela cá de baixo, de cabeça erguida, esganiçando-se e como que implorando-lhe que se abaixasse um bocadinho, a perfeita impressão dum gargarejo ambulante. Parecia um reclame aos namoros de 5.º andar.

—E no desfile dos modelos, qual foi a casa de confeções que mais o entusiasmou?

—Olhe, o que mais me entusiasmou foi o recheio dos modelos apresentados. As pequenas não eram nada feitas. Agora quanto aos trajos, não lhe posso dizer bem por qual das casas me decida, porque o sr. Cristóvão Ayres, que anunciava os modelos e dizia das casas que os tinham enviado parece que se tinha esquecido da voz em Lisboa, de forma que ficámos todos na mesma. O sr. Erico Braga ainda veio dar uma ajudasita, mas quando falava para um dos lados da sala não se ouvia do outro, de forma que por fim desisti e fui deitar-me.

—Não esteve até ao fim? Não gostou então daquele regresso ao passado?

—Passado estava eu já com tanta festa e as comodidades do meu quarto estavam a tentar-me ha muito tempo.

—Em conclusão vejo que afinal o que mais agradou ao Inocencio nas festas do século XVIII, foi aquele conforto do século XX.

AUGUSTO CUNHA

LISBOA • BRISTOL CLUB • DANCING

Leia esta novela alegre que o distrairá!

MININGO Illustrado

ADICIONAMENTO VARIA

MOINHO DE PACIENCIA

N.º 11 5.ª SÉRIE

SECÇÃO CHARADISTICA SOB A DIRECÇÃO DE JOSÉ D'OLIVEIRA COSME DR. FANTASMA

14 AGOSTO 1927

TERTULIA EDIPICA

Decorreu com o maximo brilhantismo, o almoço de confraternização charadistica, organizado por esta florescente agremiação. Reuniu-se um grande numero de charadistas de Lisboa e da provincia: «J. L. P. F.», novo presidente da T. E., Matuto, director da «Fritura de Miolos» do «A. B. C.» «Sileno», «Etiel», «J. fralo», «Razalas», «Alejoal», «Hofe», «Afric-repamil», «Jupiter», «Zé da Ponte», «Anjo da Silva», «Belves», «Godamil», «Amarcarjú», «Dropê», «Aviardo», «Orlando» «Paladino», «Camarão», «Viriato Simões», «Lumaro», «Rei de Tebas», «Suman», «Justus», «Umbelino», «Dr. Fantasma».

Durante o almoço, foram recebidos telegramas e cartas de saudação de Antonio Maria Pereira, Augusto Carmo, «Irrilampo», «Ordisi», «Salvio da Murgeira», «Joraife», «Eronoro Said» e «Freicank», cuja leitura foi muito aplaudida. Terminada a festa, procedeu-se á inauguração solene da nova secção de expediente e propaganda da T. E., na Sala Macau, da Sociedade de Geografia.

«O CHARADISTA»

Recebemos o n.º 4 desta interessante Revista trimestral, órgão de publicidade da T. E., e a unica publicação que, no seu genero, existe em Portugal. O escrup. lo que os directores d'«O Charadista» dispensam á sua confecção, á brilhante pleiade dos seus colaboradores, tornam esta valiosa Revista, recomendavel sobre todos os pontos de vista.

Aconselhamos os nossos leitores a pedirem para a Rua José Estevam 127-3.º, Lisboa-NORTE, um «numero especimen» que lhes será enviado gratis e porte pago, desde que mencionem o «Domingo Ilustrado».

ERRATAS

Na charada n.º 4, o primeiro conceito tem a numeração: 3. Na charada n.º 9, a numeração é a seguinte: 1-2. A produção n.º 5 é da autoria de «UTS».

CHARADAS EM VERSO

1 Quando tu eras pequeno,—1 E te via mul rosado, Mal pensava que terias, A «medida» que crescias,—1 Esse «nome» teu mudado. Lisboa D. GALENO

2 Sacha p'la segunda vez o lavrador—4 A terra que mandara já sachar A outro muito menos sabedor. E cava aqui e ali —onde é melhor—1 Não sem que tensa, p'ra desabafar, Rogado p. «gus» a tal sachador. Lisboa DITE

3 Se é certo que o teu olhar Enfelicitá toda a gente,—4 Concede, bom Quilomar,—1 Que a minh'alma inconsciente, Viva illudis, a sonhar. Coimbra FRANGERQUE

ENIGMA EM VERSO

4 Destocheo o seu entrecho Que é juntar a ligação, Encontraréis o desfecho Deste implamz coração Lisboa EURISTO

CHARADAS EM FRASE

5 A côr «azul» é da indole do gaz incolor composto de azote e carbono.—3-3. Cascais ANELE

(Ao notavel auledo «Jamengal», como prova de admiração pelos seus emittidos «elo seu «carlismo» «anios».) 6 Tudo aquilo que se não consiga por habilidade propria, é «nazural» que se torne um grande esforço.—1-2. Lisboa AULEDO

7 Você teima que a sua barba é leira? Eu affirmo o contrario com insistencia.—3-2 Lisboa AVIARDO

8 Não egoísta para que me não chamem um egoísta.—3-1 Lisboa BIXO KNOTO

[Para o «Lord Dá Nozes» matar em 15 dias 9 Se o confrade vence em luta charadistica os outros eu trato de ir vendendo em lata livre, a pouco e pouco a sua pessoa.—2-3. Dafundo D. SIMPATICO

10 Del um grilo ao ver que o strador, quando metia na maquina a peça da frente dum degrao, se embriuhava nas engragens: quando fol retrado vi logo que tinha de lhe ser feita uma incisão cirurgica.—2-1. Lisboa DROPE

11 O que diz sempre «a verdade», mostra, não só uma virtude, mas tambem um grande exemplo de honradez.—2-1. Lisboa JAMENGALE

As charadistas nordestinas

12 A morte chega mais depressa a um espirito fraco do que aquelle que vive com moderação.—2-2. Porto RENANDOP

13 «Ao contrario» da que supõe, dum excesso, pode partir um gesto desassombrado.—2-2. Lisboa SATURNO

14 Quem se desvia do caminho da dever dá «notas» de indesejavel, inclinado a todos os crimes.—4-1. Lisboa TRES PEREGRINOS

15 A «mulher» sofre resignada a sua sorte sem soltar «palavra», enquanto o homem é incapaz de semelhante sacrificio.—2-2. Lisboa UTS.

16 Você fatiga o cavallo por imperticia e não tem pena que elle tenha ficado afogado com o sol.—3-1. Lisboa VASCO DIAS

Amistosa preleção ao celebre «Edipo»

17 E' de conveniencia que o confrade não abandone o campo da lealdade só para mostrar que é uma pessoa importante.—1-2. Lisboa VISCONDE DA RELVA

18 E' de conveniencia que o confrade não abandone o campo da lealdade só para mostrar que é uma pessoa importante.—1-2. Lisboa VISCONDE DA RELVA

19 E' de conveniencia que o confrade não abandone o campo da lealdade só para mostrar que é uma pessoa importante.—1-2. Lisboa VISCONDE DA RELVA

20 E' de conveniencia que o confrade não abandone o campo da lealdade só para mostrar que é uma pessoa importante.—1-2. Lisboa VISCONDE DA RELVA

21 E' de conveniencia que o confrade não abandone o campo da lealdade só para mostrar que é uma pessoa importante.—1-2. Lisboa VISCONDE DA RELVA

22 E' de conveniencia que o confrade não abandone o campo da lealdade só para mostrar que é uma pessoa importante.—1-2. Lisboa VISCONDE DA RELVA

23 E' de conveniencia que o confrade não abandone o campo da lealdade só para mostrar que é uma pessoa importante.—1-2. Lisboa VISCONDE DA RELVA

24 E' de conveniencia que o confrade não abandone o campo da lealdade só para mostrar que é uma pessoa importante.—1-2. Lisboa VISCONDE DA RELVA

25 E' de conveniencia que o confrade não abandone o campo da lealdade só para mostrar que é uma pessoa importante.—1-2. Lisboa VISCONDE DA RELVA

26 E' de conveniencia que o confrade não abandone o campo da lealdade só para mostrar que é uma pessoa importante.—1-2. Lisboa VISCONDE DA RELVA

27 E' de conveniencia que o confrade não abandone o campo da lealdade só para mostrar que é uma pessoa importante.—1-2. Lisboa VISCONDE DA RELVA

28 E' de conveniencia que o confrade não abandone o campo da lealdade só para mostrar que é uma pessoa importante.—1-2. Lisboa VISCONDE DA RELVA

CASAS PALAVRUCIDAS e passatempo moda

Secção dirigida por DR. FANTASMA

Nota importante.—Toda a correspondencia relativa a esta secção deve ser endereçada ao seu director e remetida para a RUA ALVARO COUTINHO, 17, r/c LISBOA

QUADRO DE HONRA

VAGO

37 titulo honorifico mahometano. 38 dardo [pl]. 39 filtra. 8 fita dos chapéus. 40 cheio de fendas. 9 obra literaria. 41 terra propria para a lavra de minas de diamantes. 42 figo temporão. 43 separa. 17 couve galega. 44 composição lirica [pl]. 20 instruimento. 45 terra maninha cultivada. 46 possuido [inv.]. 47 casa brava do Brasil. 48 no oceano. 49 obstaculo.

DECIPTAÇÕES DO N.º 192

HORIZONTAIS.—1 Carmen, Olinda. 2 real, olau. 3 ad, og, los, eu, la. 4 nas, America, ril, 5 atrelas, dactilo. 6 io, ma, aia, ea, in, 7 mesa, povo. 8 ter, Lidio, era. 9 Nilo, ária. 10 le, ca, cor, er, co. 11 Vitória, aunaram. 12 itu, aoristo, era. 13 ro, ar, aro, vu, or. 14 ruia, japu. 15 mimo-sa, paramo.

VERTICAIS.—1 Manaia, Elvira. 2 dato, eito. 3 ar, or, men, tu, ri. 4 reo, Emerico, aum. 5 magalas, lario. 6 el, ma, alo, io, as. 7 lesa, cara. 8 dor, indio, ira. 9 Aida, raso. 10 lo, ca, pou, ut, já. 11 ileaceo, renovar. 12 nau, Faveira, upa. 13 du, ri, ora, re, um. 14 Lili, caro. 15 balona, comaro.



CORREIO

«Edipo Ignoto», «Nonó», «Foforonoff», «Renandof», «Prego», «Dois Cartaxeiros».—Temos em nosso poder, problemas de V. Ex.ª. Sairão na devida altura.

«Pausanias».—Recebi um problema e charadas que sairão na devida altura.

«Capitão Boche».—Vai para a «bicha».

«Emeka».— Pode entrar, senhor «Emeka», E não tema o tal «cestinh». Pois quem correu «Seca e Meca», Merece, aqui, um cantinho.—

DR. FANTASMA

PROBLEMA D'HOJE

Original do nosso distinto colaborador «Pausanias».

HORIZONTAIS.—1 sem acção [adv.]. 2 fluído. 3 instrumento. 4 animal [inv.]. 5 animal. 6 fluído. 7 planta. 8 2 letras de cem. 9 3 letras de sogra. 10 pronome. 11 bate. 12 marchava. 13 depois. 14 preposição latina. 15 excessivo [pl]. 16 nota. 17 seja. 18 porco. 19 circulo. 20 jogo de dados. 21 animo! 22 3 letras de teima. 23 escarnece. 24 amparo. 25 palmeira da India. 26 apellido. 27 interjeição. 28 igual. 29 3 letras de pato. 30 occupado. 50 artigo [pl].

VERTICAIS.—1 fruto [pl]. 31 expressão que diz muito em poucos termos. 32 vá. 33 desvio. 34 arco celeste. 35 gradação duma côr [inv.] (termo francez). 36 lagarta [pl]. 2 duas vogais.

MOSAICOS A maior produção de Portugal Os de melhor fabrico GOARMON & C.A A maior fabrica do pais Escritório: Travessa do Corpo Santo, 17, 19 e 21 — Rua do Corpo Santo, 32 LISBOA Azulejos—Louças sanitarias Cimentos OUTROS MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO Pedir catalogo e preços Telefone C. 1442

VINHO COLARES V. S. VISCONDE DE SALREU Premiado com o gr. 1.º prix e medalha d'ouro na exp.ºção internacional do Rio de Janeiro 1922-23 CONSUMO E EXPORTAÇÃO Os vinhos Colares desta marca não têm rival, todas as pessoas de bom gosto e fino paladar devem exigir esta marca: aos doentes e fracos recomendamos os nossos Colares velhos tinto e branco, colheita de 1920. GRANDES CAVES EM COLARES D. J. SILVA L.ª DA RUA RODRIG'ES DE SAMPAIO 27 — Telefone N. 1711 — LISBOA

ANUNCIAR NO ÉCRAN LUMINOSO DO RÓCIO É FAZER UM ANUNCIO QUE A LISBOA TODA VÊ

Antiquidades A' venda e em exposição no BRIC-A-BRAC ESTRELA. Calçada da Estrela, 57 (esquina da Rua Miguel Lupi)

o melhor ZUBISKY é o ZUBISITE Bourse

LISBOA • BRISTOL CLUB • DANCING

VARIA

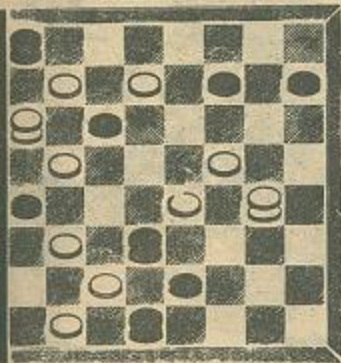
Um rei sem patria

Barreiro de Sombra

CAMPO PEQUENO

DAMAS

PROBLEMA N.º 134
Pretas 3 D e 5 p.



Branças 2 D e 8 p.

As Brancas jogam e ganham.

Solução do problema n.º 133

Branças	Pretas
1 7-11	16-7
2 6-9	23-16
3 9-5	30-23
4 14-18	23-14
5 23-12-3-10-24	20-31-17
6 13-22	4-25
7 21-30 (D)	32-27
8 30-21	27-23
9 21-14	23-19
10 14-18	
Ganha	

Resolveram o problema n.º 132 os srs.: Armando Machado, Artur Santos, Augusto Teixeira Marques, Carlos Gomes (Bemfica), H. Braga (Stubal), José Brandão Infantes, Jotão de, Mario Domingos Pereira, Miguel Leal Fanamicho, (V. R. S. Antonio), Victor das Santos

O problema hoje publicado foi nos enviado pelo sr. João Domingos Pereira, que declara dedicar o aos amadores de DAMAS do Domingo Ilustrado.

Toda a correspondência relativa a esta secção, bem como as soluções dos problemas, devem ser enviadas para o «Domingo Ilustrado», secção do Jogo de Damas, dirigida a secção o sr. João Eloy Nunes Cardoso.

XADREZ

Correspondência sobre esta secção pode ser dirigida ao sr. Ferreira Macabado, Grémio Literário, Rua Ivens, n.º 37

N.º 135 - PROBLEMA

por A. G. Corrias

Pretas (7)



Branças (4)

Jogadas em dois lances

Solução do problema n.º 133

(Lloyd)

1 R f1-e2, f2-f3 D+; 2 R-e3

f2-f3 C+; 2 T f6-f2

Solução do n.º 134

(Heathcote)

1 D h6-b6

CASA VELOCIPÉDICA
DE
JOSE ANTONIO DE MAGALHÃES

Bicicletas, Motocicletas, Pneus de moto, Pneus de bicicletas, Csmatas d'ar, Accessorios de bicicletas, Oficina de reparações, Accessorios para motos Arley e Indian, Artigos de «Foot-Ball»

Largo da Anunciada, 18—LISBOA

A morte de Fernando, rei da Romenia—a quem a Historia terá que honrar com o cognome de «Vitorioso», pois que foi durante o seu reinado que os romenos realizaram o seu maior sonho de gloria—v. ju pôr de novo em foco uma das familias reinantes que mais tem atraído a atenção do mundo, pelos méritos ou pelos defeitos de alguns dos seus membros.

A nós, portugueses, interessa nos particularmente a figura de Fernando de Hohenzollern-Sigmaringen, principe alemão e rei da Romenia, por este ser filho duma princesa portuguesa, D. Antonia de Bragança.

Fernando achou-se instalado no trono da Romenia, por uma série de estranhas circumstancias. Seu tio, o rei Carlos ou Carol, principe alemão (como Leopoldo, pai de Fernando) foi eleito principe da Romenia em 1866; em 1877 proclamou a independencia dessa nação, assumindo, em 1881, o titulo de rei.

De sua esposa, a rainha Isabel—Carmen

terra natal, á sua patria verdadeira. Foi um grande sacrificado, toda a vida.

Amado as sciencias—principalmente a botânica—e as humanidades, apreciando, mais do que tudo, o estudo e a leitura, foi obrigado a interessar-se pela politica. Exageradamente modesto e tímido, viu se alvo, como soberano, de todos os olhares e atenções. Catolico sincerissimo, foi feito chefe da igreja ortodoxa e obrigado a baptizar os seus filhos segundo os ritos duma religião que não era a sua. Principe alemão, foi obrigado a entrar em guerra com a Alemanha, a ver o seu nome regado do Grande Livro dos Hohenzollern, a saber que os seus parentes tomavam luto por ele, morto civilmente. Foi estremoso, foi forçado a pedir, ele proprio, a expulsão do seu filho mais velho, principe leviano, pronto a sacrificar os interesses da nação aos seus caprichos amorosos. Não se pode levar mais longe uma cruz tão pesada!

A vida ofereceu-lhe duas grandes consolações:



Em cima heranos principe Carol, que não quiz ser Carol II, da Fomenia. Ao meio, Fernando e Maria, os so- Grande Romenia unificada. Em baixo, o rei Miguel, o rei que anda de tralicio.

Sylva», no mundo das Letras—só teve uma filha, morta em tenra idade, de forma que viu periclitante, por falta de successor, o trono que simbolizava o resgate politico da Romenia. Recorreu então aos sobrinhos. O mais velho, Guilherme de Hohenzollern, recusou ser seu herdeiro... Foi «sacrificado» o segundo: Fernando Victor Alberto Meinrad. Dizemos «sacrificado» porque, ao aceitar o pesado encargo, o principe começou desfiando um longo rosario de amarguras.

Uma grande escritora francesa, romena de nacionalidade, a princesa Bibesco, esposa do illustre representante da Romenia em Espanha e Portugal, senhora de estirpe régia, escreveu recentemente, num magazine francês, a tragica historia de Fernando, o rei sem patria, ou antes, o rei a quem deram uma patria que ele muito amou e muito bem serviu, mas á qual sacrificou todos os elos que o prendiam á sua

chuva impertinente que caiu no domingo, a tourada neste dia em Almadá e a «fartadela» de oito touros de morte na corrida transacta foram motivos para não encher a lotação, se bem que tivesse sido numerosa. ainda assim, a concorrência á festa organizada pelo Governador Civil, em beneficio das casas de caridade, de iniciativa particular.

Esta corrida em que foram estoqueados seis touros, decorreu muito saimada, tendo havido, como não podia deixar de ser, protestos e aplausos, não faltando tambem as aparatosas colhidas com «rasto vermelho», muito vulgares em touradas desta natureza.

Dos tres espadas, Luiz Freg, Fausto Barajas e Emilio Mendez, sobresaiu o ultimo, tanto em temeridade, arrimando-se aos touros com invulgar valentia, quanto nos quites em defesa dos picadores e «despacho» das respeitadas reses, tendo obtido por esse motivo chamadas especiais ao redor da arena, cobertas de fervorosos aplausos.

Luiz Freg, que é um toureiro de apreciaveis recursos, depois de fazer tombar o 1.º touro com uma estocada certa, a «despachar», foi colhido quando entrava a matar o 4.º touro, sofrendo na parte superior da perna esquerda um rasgão suturado com quatro pontos naturais, que o impossibilitou de continuar na lide.

Fausto Barajas executou uma faena muito aplaudida no 3.º touro e como estoquesse a ultima res com as hastes tapadas, por não ter sido possível tirar-lhe as embolações, o publico protestou, com ce ta razão, tendo sido este seu trabalho «coroad» com almofadas e apupos, alem de uma forte reprimenda do sr. «alcalde», digo do sr. Ferreira do Amaral, que presidiu á corrida.

O cavaleiro Antonio Luis Lopes mais uma vez comprovou os seus muitos meritos artisticos, lidando a rojões e farpas os dois touros que lhe competiam, substituindo tambem o seu colega Ricardo Teixeira, que teve de retirar-se quando o 1.º touro colheu o seu cavallo, impossibilitado de voltar ao redondel. Antonio Luis Lopes foi fervorosamente ovacionado em chamadas especiais.

Na lide dos picadores, apenas se aproveitaram tres boas varas e os «quites» dos espadas, e a tal anunciada invenção para defesa dos cavalos foi tão pequenina que ninguém a viu.

Os nossos toureiros Custodio Domingos e Rafael Gonçalves não fizeram má figura á frente dos desembolados e a orientação da lide confiada ao ex-bandarilheiro Manoel dos Santos, jun'º do sr. Comandante da Policia, com bastante inteligencia.

ZÉPEDRO

Além do estouvado principe Carol—casado morganaticamente com Zizi Lambrino, divorciado, casado com a princesa Helena da Grécia e fugindo para o estrangeiro com Magda Luplesen—Fernando e Maria tiveram mais cinco filhos: O principe Mircea, morto em tenra idade, a rainha Isabel da Grécia, a princesa Maria ou Migno, rainha da Yugoslavia, a princesa Ileana—que acompanhou sua mãe na recente viagem á America e que talvez venha a ser rainha da Bulgaria—e o principe Nicolau, mancebo serio, que, juntamente com o patriarca da Igreja greco-oriental e o presidente do Tribunal Supremo, formarão o Conselho da Regencia, durante a menoridade do pequeno rei Miguel, que tem só cinco anos e é filho do principe Carol.

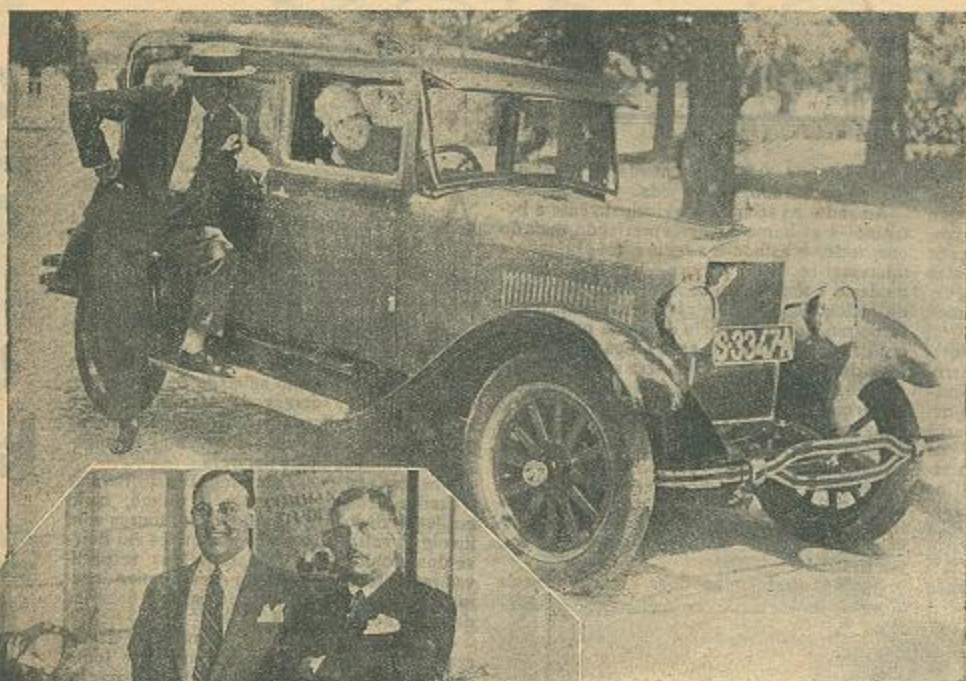
Oxalá os sofrimentos morais de seu avô tenham conseguido conquistar o favor divino sobre a linda cabeça do pequenito a quem, ha dias, obrigaram a interromper a brincad ira, para apparecer vestidinho de setim branco, diante duns grandes homens de barbas que, no Parlamento de Bucarest, lhe apresentaram um livro, sobre o qual «ele» pôs uma das suas mãos, espalmada e tremula, mão com que depois fez a continencia, como se estivesse a brincar aos soldados...

Bebam cognac «Real Tesoro»

actualidades graficas

UMA GRANDE TOURNÉE ARTISTICA E SPORTIVA

AS GRANDES FESTAS DE VERÃO NA CURIA



Três das concorrentes ao concurso da Curia, estando ao centro a maravilhosa tricana de Coimbra.



LUCILIA-ERICO, NUM STUDBACKER, VÃO ATRA-
VESSAR PORTUGAL, LEVANDO AO VOLANTE O
«AZ» ERNESTO ZENOLIO.

A grande actriz Lucilia Simões e o notavel actor-empresario Erico Braga vão fazer uma sensacional «tournée» de automovel por todo o país. «O Domingo» irá acompanhando os exitos que hão-de co- roar por certo as exhibições dos grandes artistas.

A grande actriz Lucil a Simões, com seu marido, o actor Erico Braga, o engenheiro Carlos Santos e o Sr. Mendes de Almeida, director da grande marca em Portugal.



A V EXPOSIÇÃO DAS CALDAS
DA RAINHA



O ilustre artista, architecto Paulino Mor-
tez, encarregado da direcção artistica dos
trabalhos da feira das Caldas. Como se
sabe, o espirito de iniciativa da linda via
extremenha é extraordinario, represen-
tando um verdadeiro ressurgimento unico na
nossa vida da provincia

JOIAS DA OURIVESARIA POR-
TUGUESA



Uma admiravel peça em perolas e bri-
lhantes da casa J. e M. Pedro Fraga,
Rua da Palma, 82.



Três lindissimas concorrentes ao concurso de tipos
e trajos regionais da Curia.

A expressão da Rainha das Festas da Curia, cuja
deçura de olhar cativou o jurí.

Um belo aspecto do grande cortejo historico do
século XVIII, seguindo no Parque da Curia.

LISBOA • BRISTOL CLUB • DANCING

PUBLICIDADE

Bebam a excelente e finissima
AGUA DA COSTEIRA
(Alhadas-Coimbra)
A melhor agua de mesa
Pedidos a C. 1819

Sifiliticos

Preferi a todos os preparados os supositorios «LUESAN», unico caracterizado pelas seguintes propriedades — EFICACIA COMPLETA — TOLERANCIA ABSOLUTA — EMPREGO FACIL.

A' venda em todas as farmacias, e nos depositarios exclusivos:

Sociedade Industrial Farmaceutica

FARMACIA AZEVEDO, IRMÃO & VEIGA
24, Rua do Mundo, 28

FARMACIA AZEVEDO, FILHOS
31, Praça D. Pedro IV, 32
LISBOA

AUTOMOBILISTA LIMITADA

160, RUA ALVES CORREIA—LISBOA

Sempre o maior sortimento de accessorios para automoveis

PRONTA EXECUÇÃO NOS PEDIDOS DA PROVINCIA

PREÇOS DIMINUTOS

End. telegrafico: AUTOMOBILISTA

Telef. 4218 Norte

TELEFONE C. 641

Casa Palissy Galvani

Guilherme F. Simões
LIMITADA



COLOCAÇÕES
E reparações de campainhas electricas,
telefonos e pára-raios

LUZ ELECTRICA
Deposito de todos os aparelhos
da sua especialidade

Preços sem competencia

Descontos aos revendedores

13. RUA SERPA PINTO, 15 — LISBOA

COOPERATIVA
DOS

Estofadores e Decoradores

Presentada na Exposição do Rio de Janeiro em 1908 com a medalha de prata

Sociedade de Responsabilidade Limitada

ENCARREGA-SE DE TODOS OS TRABALHOS EM ESTOFO, TANTO EM NOVO
COMO REPARAÇÕES E BEM ASSIM PINTURAS E ENCERAMENTOS DE CASAS
ARMAÇÕES, TAPETES, OLEADOS, MOBILIAS POLIDAS, MOVEIS DE FANTASIA, PAPEIS PINTADOS, ETC.
PREÇOS MODICOS

31, Calçada da Estrela, 33

LISBOA

Telefone T. 39

BARBEARIA AMADO

Proprietario Pedro Souto Amado

Depois de radicais transformações, reabriu esta antiga e acreditada barbearia. Dispondo de pessoal habilitadissimo, o publico encontrará a maior higiene e conforto neste salão de barbear, o qual com as modificações porque passou, rivaliza com os melhores deste genero em Lisboa.

RUA DO NORTE, 82—TRAV. DO POÇO DA CIDADE, 11 e 13



Targa Florio

conhecida por todos os automobilistas, como a corrida mais importante da Europa, sempre e sempre provou a qualidade e perfeição da vela Bosch. Durante muitos anos os corredores tem preferido a vela Bosch. Assim tambem em 1927 Köppen em motocyclette. Tambem o vosso motor dará o máximo rendimento com velas Bosch.
P.r isso, quando precisardes adquirir velas, reparal na vela Bosch.



ROBERT BOSCH A.-G. • STUTTGART

R presentante exclusivo:

ROBERTO CUDELL

RUA PASSOS MANOEL, 41 — PORTO

Fogões Escoceses

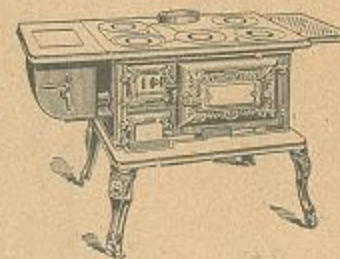
(MODELO CASEIRO)

Economicos.

Centenas a funcionar

em

Portugal.



Depositario:

Herber Cassels

Junior

Rua 24 de Julho, 56 — LISBOA — Telefone C. 3256

FUNERAES TELEF. 1094-N.

DOS MAIS SIMPLES AOS
MAIS LUXUOSOS

TRASLADAÇÕES
PARA TODOS OS CEMITERIOS,
PROVINCIA, ETC.

URNAS,
ARMAÇÕES,
COROAS, ETC.

PREÇOS REDUZIDOS SERVIÇO PERMANENTE

MARIO AUGUSTO DA SILVA MILHEIRO

131. R. DOS ANJOS, 133

RESIDENCIA:
RUA DOS ANJOS, 139, 2.º E.

LISBOA

LISBOA • BRISTOL CLUB • DANCING

A maior tiragem de todos os semanarios portugueses

O DOMINGO

ilustrado

ASSINATURAS
CONTINENTE E HESPAHIA
ANO - 48 ESCUDOS -
SEMESTRE - 24 BAC -
TRIMESTRE - 12 ESC -

ASSINATURAS
COLONIAS
ANO 52x20 - SEMESTRE 26x40
E STRANGEIRO
ANO 64x64 - SEMESTRE 32x63

NOTICIAS & ACTUALIDADES GRAFICAS - THEATROS, SPORTS & AVENTURAS - CONSULTORIOS & UTILIDADES



AS GRANDES FESTAS DE VERÃO NA CURIA,

Os dois admiraveis manequins da epoca de 1840, da grande casa Ribeiro da Costa, de Lisboa, e que obtiveram o primeiro premio no celebre sarau romantico do Palace Hotel.

LISBOA • BRISTOL CLUB • DANCING